
O fim do passe e seu impacto sobre o desequilíbrio competitivo entre as equipes de futebol

Fábio Augusto Pera de Souza
Claudio Felisoni de Angelo

RESUMO

A teoria microeconômica ajuda a compreender os impactos sobre o mercado de jogadores de futebol causados pela transição de um mercado regulado para um concorrencial. O processo de desregulamentação teve início na Europa com a Lei Bosman, a qual estabeleceu que os jogadores poderiam negociar livremente com as equipes. Os dirigentes dos clubes argumentam que a extinção do passe faz com que o mercado seja dividido em dois grupos distintos de equipes: aquelas em condições de pagar por bons jogadores e as fornecedoras de jogadores talentosos para os times mais ricos, aumentando o desequilíbrio competitivo nos campeonatos e, por conseqüência, diminuindo a atratividade dos torneios e as receitas dos clubes. Por outro lado, na teoria microeconômica esse problema é visto como a mudança de uma situação de monopólio para um mercado competitivo. Sob essa ótica, não há indicação de aumento do desequilíbrio competitivo nos campeonatos no longo prazo. Neste trabalho, examinam-se as nove principais ligas européias e o Campeonato Brasileiro. Os resultados revelam que o fim do passe trouxe acréscimo significativo do desequilíbrio competitivo entre as equipes das ligas estudadas, sugerindo que a possibilidade de contar com os jogadores talentosos por um período maior de tempo e a compensação financeira pela liberação desses atletas, características inerentes ao passe e não presentes no mercado concorrencial, contribuíam para diminuir o desequilíbrio competitivo.

Palavras-chave: desequilíbrio competitivo, estruturas de mercado, mercado de jogadores, caso Bosman.

1. INTRODUÇÃO: O CASO BOSMAN

O mercado de jogadores profissionais de futebol pode ser dividido em dois períodos distintos: antes e depois de 1996. Até aquele ano vigorava o passe, sistema no qual os jogadores de todo o mundo somente poderiam ser transferidos de um clube para outro com o consentimento das duas agremiações,

Recebido em 04/setembro/2003
Aprovado em 10/junho/2005

Fábio Augusto Pera de Souza é Mestre em Administração de Empresas no Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (CEP 05508-900 — São Paulo/SP, Brasil), na área de Política dos Negócios e Economia de Empresas, e Professor e Coordenador Adjunto do Curso de Administração com Habilitação em Comércio Exterior do Centro Universitário Nove de Julho.

E-mail: fp@usp.br

Endereço:

FEA — USP

Avenida Professor Luciano Gualberto, 908 — Prédio FEA 1 — Sala G-121
Cidade Universitária
05508-900 — São Paulo — SP

Claudio Felisoni de Angelo, Professor Titular do Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (CEP 05508-900 — São Paulo/SP, Brasil), Diretor Presidente da Fundação Instituto de Administração (FIA) e Coordenador Geral do Programa de Administração de Varejo (PROVAR).

E-mail: cfa@usp.br

obtido por meio da negociação de um valor a ser pago pela equipe compradora à detentora dos direitos sobre o profissional.

No mercado europeu, além da existência do passe, definiu-se que um clube só poderia contar com no máximo três jogadores estrangeiros em uma mesma partida, o que limitava a contratação de jogadores de outros países pelas equipes.

Esse quadro foi alterado pelo evento conhecido como caso Bosman. Em 1996, o jogador belga Jean-Marc Bosman, do RFC Liège, acertou sua transferência para o Dunkerque, clube da Segunda Divisão Francesa, ao final do seu contrato com o clube belga. No entanto, a transferência foi impedida pelo Liège em virtude da impossibilidade de o clube francês pagar a quantia pedida pelo passe do jogador. O atleta, conforme citado em Brunoro e Afif (1997), alegou perante a Justiça que, como cidadão da União Européia, possuía o direito à liberdade de movimento dentro da União para trabalhar, segundo o artigo 48 do Tratado de Roma. A disputa judicial teve como desfecho o ganho de causa concedido ao jogador, que obteve permissão para ratificar sua transferência para o clube francês.

O resultado do caso Bosman trouxe uma mudança estrutural no mercado de jogadores de futebol em toda a Europa e, posterior e gradativamente, em outros países relevantes do ponto de vista futebolístico, como o Brasil. Primeiramente, a cobrança de taxas para a transferência de atletas dentro da União Européia foi considerada ilegal. Ao término do contrato, os jogadores podem transferir-se livremente, sem ônus para o novo clube, tampouco para o atleta. Em caso de transferências durante a vigência do contrato com a equipe atual, o valor a ser pago pelo clube adquirente à agremiação de origem do jogador é limitada à multa rescisória estabelecida em contrato, não havendo mais a negociação de um valor de passe, como outrora.

Outra consequência relevante do caso Bosman foi o fim do sistema de cotas para jogadores originários dos países pertencentes à Comunidade Européia (PEARSON, 2002).

Na prática, a decisão trouxe a abertura de mercado para jogadores de futebol. Em pouco tempo, a liberdade de movimentação ultrapassou os limites da União Européia. Atletas de outros países europeus como Rússia e Hungria, além de jogadores latinos com cidadania européia, passaram a desfrutar dos mesmos direitos.

A legislação brasileira seguiu o exemplo europeu. Após um período de transição, no dia 26 de março de 2001 cessou o direito dos clubes sobre o passe dos jogadores. Segundo Aidar, Leoncini e Oliveira (2000, p.33), "... em substituição ao passe, a nova lei criou uma multa rescisória que visa evitar a transferência indiscriminada de jogadores entre as entidades de prática esportiva".

Mais importante do que listar as disposições judiciais decorrentes do caso Bosman é estudar as possíveis consequências da alteração estrutural do mercado de jogadores para o futebol e seus participantes — jogadores, dirigentes e torcedores.

Um dos pontos fundamentais do fim do passe é a dinâmica de distribuição dos jogadores entre os clubes e as suas conse-

quências para a força relativa entre as equipes. O principal argumento dos clubes a favor do passe é o de que funcionava como um mecanismo de equilíbrio de forças relativas, sem o qual os clubes mais ricos aumentariam sua força em relação às equipes menores, tornando os campeonatos mais desequilibrados e, por conseguinte, menos atraentes ao público.

A reflexão sobre o exposto pelos dirigentes de futebol conduz ao problema fundamental desta pesquisa: Pode-se afirmar que o fim do passe aumenta o desequilíbrio entre os times participantes de uma mesma competição? Além dessa, outras questões apresentam-se como relevantes para o esclarecimento do problema do estudo: Como medir o desequilíbrio, ou o desempenho relativo, entre as equipes? Quais as consequências do caso Bosman na Europa para o desequilíbrio entre os times das ligas européias? Resultados semelhantes devem ser esperados para o Campeonato Brasileiro?

O artigo estrutura-se da seguinte forma: a seção 2 é dedicada ao desenvolvimento da teoria referente ao mercado de jogadores e às mudanças da estrutura de mercado. Nessa seção, define-se mais precisamente o desequilíbrio entre as equipes. A seção 3 é destinada à apresentação da base de dados e do método utilizado. Na seção 4, são discutidos os resultados obtidos e, na seção 5, as conclusões do estudo.

2. A ESTRUTURA DE MERCADO ANTES E DEPOIS DO PASSE

No mercado de jogadores até 1996 os atletas podiam ser caracterizados como os produtos negociados pelos clubes, que eram ao mesmo tempo os demandantes e ofertantes. Notava-se também um produto altamente heterogêneo, devido às características particulares de cada atleta. Cabe ressaltar ainda que a propriedade do direito de jogar em uma equipe não pertencia ao jogador, o que gerava problemas de agência. Em especial, pode-se dizer que, na relação entre os clubes demandantes e os jogadores ofertantes de mão-de-obra, existia um significativo poder de monopólio.

Uma das principais consequências para os jogadores é o recebimento de salários mais baixos. Scully (2001, p.14939) esclareceu o uso do poder dos clubes: "O resultado da reserva de jogadores em equipes esportivas profissionais foi que os jogadores eram explorados economicamente pelos proprietários no sentido de que eram pagos abaixo da receita incremental que seu desempenho trouxe para o clube".

Apesar de extremamente favorável aos clubes em detrimento dos jogadores, a existência do passe não eliminou a negociação nas relações entre clube e jogador. Conforme Rosen e Sanderson (2001, p.54), "um jogador pudesse apenas negociar com a equipe proprietária de seu contrato não eliminava inteiramente o poder de barganha do jogador, mas o limitava grandemente". Pode-se dizer que há vários níveis de poder de monopólio e que o poder de barganha dos jogadores se faz presente, mesmo na situação de passe, porque os jogadores

não são todos recursos idênticos, mas possuem talentos diferenciados. Quanto mais talentoso o profissional, maior o seu poder de barganha. Contudo, o poder do jogador será sempre menor do que em condições de mercado livre.

Essa limitação se deve ao poder de pressão que o clube exerce sobre o jogador, podendo inclusive impedi-lo de atuar. Restam ao jogador, com isso, basicamente as opções de aceitar as condições do clube ou não jogar. O futebol brasileiro é rico em experiências de jogadores que, apesar de serem talentosos e, portanto, possuírem maior poder de barganha que os outros jogadores, ficaram impedidos por algum tempo de atuar, especialmente no período de transição entre as estruturas de mercado, como ocorrido com Juninho Pernambucano e Felipe no Vasco da Gama, Ronaldinho Gaúcho no Grêmio e Luizão no Corinthians.

Por outro lado, houve um momento em que os atletas brasileiros se aproveitaram da transição para rescindir contratos sem pagamento de multa, alegando não-recebimento de salários. A Portuguesa perdeu o goleiro Bosco e o atacante Ricardo Oliveira dessa forma. Com o passar do tempo, esses casos têm-se tornado mais escassos, mostrando adaptação da legislação e dos clubes à nova situação de mercado. Atletas e dirigentes tendem a negociar as transferências mais amigavelmente, como no caso do jogador Alex Alves da Portuguesa para o Cruzeiro, em 2003.

O mercado de jogadores sem a existência do passe, por outro lado, é concorrencial. Nesse tipo de estrutura, os clubes concorrem pela contratação dos recursos existentes, os jogadores. Nessa situação, existe um número grande de compradores e também de vendedores (DOUGLAS e CALLAN, 1992).

A primeira consequência para o mercado é que os jogadores são vinculados aos clubes apenas por um contrato de trabalho, podendo cada jogador atuar pela equipe que desejar. Na prática, há uma concorrência pelos jogadores, que atuarão pela agremiação que oferecer a melhor remuneração. Supõe-se aqui, evidentemente, que o salário é o único fator determinante da decisão do atleta. Descartam-se da análise, portanto, fatores como preferências dos jogadores por um clube em relação a outro.

Outra diferença significativa entre o mercado livre e a situação de passe refere-se à remuneração que cada jogador auferir. Scully (1995, p.43) destaca essa oposição ao afirmar que “estudos sobre o efeito do acréscimo da competição no mercado de jogadores declaram que a liberdade de escolha alinhou salário e rendimento marginal do produto”. Assim, nota-se que o jogador em um mercado livre auferirá remunerações maiores, recebendo um salário equivalente à receita adicional advinda de sua participação. No mercado com reserva, entretanto, o clube retém parte desse rendimento adicional.

Segundo Rosen e Sanderson (2001, p.47), “o esporte profissional é um dos poucos casos empíricos em que o produto marginal de um jogador pode ser diretamente avaliado”. Essa aferição é o ponto de partida das negociações de contrato.

Stewart e Jones (1998), para o beisebol, e Carmichael, Forrest e Simmons (1999), para o futebol, avaliam o salário dos jogadores em função de seus atributos, valendo-se do conceito de preços hedônicos. Porter e Scully (1996) vão além, colocando a mobilidade como fator importante na determinação da alocação das receitas.

A mudança da estrutura de mercado altera não somente a relação entre jogadores e clubes, conforme analisadas em Staudohar (1996), mas também as relações entre os próprios clubes, agora concorrentes diretos pelos recursos humanos disponíveis no mercado. De fato, as ligas e associações, ou seja, as competições como um todo, são impactadas pela nova estrutura.

A medida básica de sucesso de uma competição é dada pela receita total dos clubes, obtida principalmente da receita de bilheteria e dos direitos de transmissão. É coerente afirmar que ambas as receitas serão maiores quanto maior for o interesse do público pela competição.

Diversos são os fatores que geram interesse por parte do público. Cyrenne (2001, p.445) listou uma série de características dos campeonatos capazes de atrair os fãs: “Por exemplo, os fãs podem considerar uma competição de alta qualidade se os seus times têm maiores chances de vencer. Ou os fãs podem ver um jogo que tem um maior número de jogadores talentosos como sendo de alta qualidade. Alternativamente, eles podem considerar um jogo mais disputado como sendo de alta qualidade, implicando que os fãs têm uma preocupação com o equilíbrio competitivo”. Dentre as formas de percepção de qualidade de um jogo ou competição, será enfatizada a do equilíbrio competitivo.

Szymanski (2001, p.69) definiu equilíbrio competitivo da seguinte forma: “Equilíbrio competitivo refere-se às expectativas racionais dos fãs sobre quem serão os vencedores. (...) em uma disputa perfeitamente equilibrada, cada participante começa com uma chance igual de vencer, de forma que o resultado será completamente incerto. Se não houver equilíbrio competitivo, então o resultado exato poderá ser previsto com probabilidade um”. O conceito de equilíbrio competitivo é importante pelo fato de estar, pelo menos à primeira vista, diretamente relacionado ao interesse dos fãs. Em outras palavras, uma competição suscita tanto mais interesse quanto mais equilibrada for a disputa.

É importante destacar que o uso do equilíbrio competitivo como medida de interesse do público não é unanimidade entre os pesquisadores. O próprio Szymanski (2001, p.69), ao apresentar os resultados de pesquisa realizada sobre o equilíbrio competitivo na Inglaterra, faz a seguinte ressalva: “Contudo, é menos claro que cada declínio no equilíbrio competitivo levará a uma queda no interesse dos fãs”. Os resultados do seu artigo confirmam que a associação não é clara. Scully (2001, p.14940), por outro lado, defende o equilíbrio competitivo como dimensão fundamental do interesse do público: “Os fãs querem que seu time ganhe sob incerteza. Se o pri-

meiro clube sempre batesse o clube que ocupa a próxima posição no *ranking*, os jogos seriam exibições, não disputas, e teriam pouco valor de mercado. Algum grau de incerteza quanto ao resultado é necessário nos esportes, e essa incerteza é maior quanto mais iguais forem as forças dos participantes da competição”.

A questão do equilíbrio competitivo tem papel relevante na busca da resposta à questão fundamental da mudança de estrutura, que, segundo Szymanski (2001, p.72), “... é se a competição livre ou um mercado regulado trarão o resultado social ótimo”. Em outras palavras, qual estrutura trará maior interesse dos fãs, culminando em maiores rendimentos para os participantes — clubes e jogadores. E ainda, qual estrutura trará campeonatos mais equilibrados.

Ainda em defesa da relevância do equilíbrio competitivo, Scully (2001, p.14941) associa-o diretamente à riqueza dos clubes: “Maior igualdade de forças entre os clubes é maximizadora de riqueza. Frequência aos jogos e acompanhamento pela televisão são maiores quanto mais próximas as chances dos clubes ao longo de uma temporada”.

O equilíbrio competitivo é resultado da força relativa das equipes, e essa força é diretamente relacionada às receitas obtidas pelos clubes. O poder de obtenção dos rendimentos é determinado por diversos fatores e cada liga, país ou esporte tem características distintas quanto às fontes de receita. Porém, o ponto comum entre as diferentes ligas é que a força competitiva das equipes está diretamente relacionada a sua capacidade financeira. Assim, Scully (2001, p.14941) atenta ao fato de que “com clubes distribuídos em mercados de tamanhos desiguais e com uma proibição à realocação unilateral dos clubes para os mercados mais lucrativos, quanto mais desigual a divisão de receitas entre os clubes, menor será o equilíbrio competitivo dentro de uma liga”.

Até aqui foi utilizada a nomenclatura adotada pelos autores estudados — equilíbrio competitivo — para tratar da força competitiva relativa entre as equipes. Todavia, os autores analisam essa relação em função da diferença de forças, tratando-se na verdade do desequilíbrio entre os clubes. Os índices utilizados por Angelo e Souza (2003, p.104) tratam da amplitude e do desvio-padrão entre a pontuação das equipes. Assim, quanto maior o valor obtido para o índice, mais desequilibrada se mostra a competição estudada. Portanto, é mais apropriado que os índices empregados sejam denominados desequilíbrio competitivo (DC).

A partir dos conceitos apresentados, é possível observar que a preocupação principal é com o bem-estar dos participantes do mercado do futebol. Baixos índices de desequilíbrio competitivo parecem ser uma aproximação razoável desse bem-estar. Sabendo que os dados disponíveis permitem aferir o desequilíbrio entre as equipes ao longo dos anos, a questão fundamental deste estudo apresenta-se da seguinte forma: a mudança da estrutura de mercado, da situação de monopólio para a concorrência, causa ou não uma alteração no desequi-

líbrio competitivo? Em caso afirmativo, a mudança traz aumento ou diminuição desse desequilíbrio?

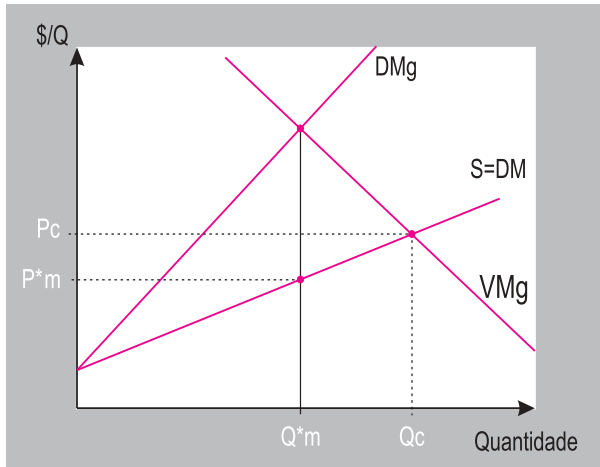
Uma das possibilidades aventadas é a migração de todos os jogadores talentosos para os grandes clubes, aumentando o desequilíbrio e causando o fim dos pequenos clubes que, incapazes de cobrir as propostas dos grandes pelos atletas mais valiosos, seriam obrigados a atuar com jogadores de segunda linha, incapazes de atrair o público. Rosen e Sanderson (2001, p.65) afirmam que “a competição atlética supostamente iria degenerar em dois grupos: os que possuem e não possuem bons jogadores. Os jogos seriam injustos e maçantes, e o interesse dos fãs minguaria, a menos que essas forças fossem contidas”, desde que exista algum tipo de retorno não-decrescente dos recursos financeiros aplicados na compra de jogadores. Esse argumento é a base da justificativa dos dirigentes da ligas americanas, como visto na declaração de Paul Tagliabue (*apud* QUIRK e FORT, 1999): “A total liberdade de mercado destruiria a Liga Nacional de Futebol Americano (NFL)”. Fischer, Maxwell e Schouten (1999, p.7) compartilham dessa visão, afirmando que “a fim de evitar que os times das cidades mais ricas adquiram todos os melhores jogadores, é também necessário restringir a extensão em que os jogadores podem trocar de equipe”. As movimentações após o fim do passe seriam, portanto, fatais ao bem-estar dos participantes do mercado.

Scully (1995, p.9) rebate os argumentos contrários à liberação do mercado da seguinte forma: “O clamor de que as restrições a entrada e território exclusivo foram necessárias para a sobrevivência financeira é, por analogia, afirmar que qualquer negócio competitivo — de quitandas a postos de gasolina — precisa de tais práticas anticompetitivas para sobreviver. Não há nada particularmente único sobre os esportes profissionais que justifique tais práticas”. O próprio Scully (2001, p.14941) contesta a hipótese de desequilíbrio, citando resultados anteriores, em outras ligas: “Não há diferença no equilíbrio competitivo no beisebol no período da liberdade de escolha entre os veteranos comparado ao período de reserva de jogadores”.

Uma suposição decorrente da impossibilidade de competição financeira entre clubes grandes e pequenos é a de que os clubes pequenos perderiam qualquer garantia sobre os talentos gerados em suas categorias de base, já que os clubes maiores ofereceriam salários maiores. Por outro lado, os clubes menores sobrevivem, no mercado com o passe, justamente da venda de seus melhores jogadores. Scully (2001, p.14941) observou essa situação, descrevendo-a da seguinte forma: “Sem uma proibição escrupulosamente forçada às vendas de contratos de jogadores para fazer caixa, a franquia de uma cidade pequena tem um incentivo para vender os contratos de jogadores para o clube de cidade grande e capturar uma porção da diferença no valor incremental. Portanto, os jogadores são alocados aos clubes baseando-se em sua receita incremental mais alta. Se o jogador ou o clube é o dono do contrato — direito de propriedade — é irrelevante para a alocação de jo-

gadores talentosos dentro da liga”. Os jogadores são alocados, portanto, aos clubes nos quais terão maior receita incremental.

Pindyck e Rubinfeld (2002, p.350-352) salientam a situação favorável do comprador que possui poder de monopsonio, nesse caso o clube de futebol, que poderá comprar uma quantidade menor de jogadores a um preço mais baixo, como mostra o gráfico a seguir.



Comprador com Poder de Monopsonio

Fonte: Pindyck e Rubinfeld (2002, p.352).

Pode-se observar que, na situação em que há poder de monopsonio, o clube de futebol adquire Q^*m unidades de jogadores a um preço P^*m , inferiores ao preço Pc e à quantidade Qc , representativos da situação de competição. Note-se que a curva de oferta nessa situação é a de despesa média (DMe) do monopsonista. Portanto, a teoria microeconômica sugere que a passagem de um mercado com poder de monopsonio para um competitivo tem como conseqüências o aumento dos valores pago pelos clubes para contar com os jogadores e o aumento do número de atletas absorvidos pelo mercado. Possíveis acontecimentos comprovantes do exposto seriam o recebimento de salários mais altos pelos profissionais e o aumento de jogadores jovens atuando pelos clubes.

Cabe ressaltar que o modelo teórico exposto é estático, podendo não condizer com a realidade dinâmica do mercado de jogadores de futebol. Com isso, torna-se importante verificar se o tempo entre o surgimento de jogadores talentosos e sua alocação às equipes mais ricas, maior no mercado com o passe, é relevante na análise do desequilíbrio competitivo entre as equipes.

3. BASE DE DADOS E MÉTODO

Todas as análises têm como base o número de pontos que cada equipe participante das ligas estudadas obteve. Com isso, são utilizadas as tabelas de pontuação final das nove princi-

pais ligas do continente europeu — Alemanha, Bélgica, Escócia, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Itália e Portugal — e do Campeonato Brasileiro, entre os anos de 1990 e 2003, totalizando 140 observações.

Os dados relativos às temporadas européias foram fornecidos pelo site <<http://www.histora.org>>. Já as informações sobre o Campeonato Brasileiro foram obtidas no site <<http://www.placar.com.br>>, sendo os dados da temporada de 2003 referentes à classificação até a décima nona rodada, em 17 de julho de 2003.

Para efeito das análises, o período de mercado regulado na Europa é representado pelos anos de 1990 a 1996, sendo as temporadas de 1997 a 2003 representativas do período de mercado livre. No caso brasileiro, somente os anos de 2002 e 2003 representam mercado competitivo.

Entre os diversos métodos propostos para a mensuração do equilíbrio entre as equipes, Quirk e Fort (1997, p.245-246) analisam o desvio-padrão do número de vitórias das equipes participantes de determinado torneio. O desvio-padrão observado é comparado com o desvio padrão ideal. Angelo e Souza (2003, p.104) adaptaram a proposta ao caso do futebol, substituindo a porcentagem de vitórias pela porcentagem do número de pontos conquistados, a fim de contemplar a possibilidade de empates. Com isso, utiliza-se a fórmula de Desequilíbrio Competitivo (DC):

$$DC_{ij} = DP / (0,444/J^{0,5}) \quad [1]$$

Sendo:

- DP = desvio-padrão da porcentagem de pontos obtidos pelas equipes da liga i na temporada j ;
- J = número de partidas que cada equipe jogou;
- $0,444 / J^{0,5}$ = desvio-padrão ideal, em caso de desequilíbrio mínimo entre as equipes. O desvio-padrão para os casos em que há um vencedor e um perdedor é dado por $0,5 / J^{0,5}$, como definido em Scully (2001, p.14941), sendo 0,5 o número médio de vitórias em uma partida. Como no futebol há três resultados possíveis — derrota, empate ou vitória, valendo respectivamente 0, 1 ou 3 pontos —, será utilizada a porcentagem de pontos conquistados em relação ao total possível em cada partida. Já que uma equipe conquista em média 1,34 pontos por jogo de um total de 3 pontos possíveis, conclui-se que obterá em média 44,44% dos pontos possíveis em cada jogo.

Utilizou-se o índice DC para testar a hipótese de que a mudança na estrutura do mercado de jogadores acarretou aumento no desequilíbrio competitivo. Deve-se julgar, também, que há diferenças financeiras, culturais, estruturais e políticas entre os países estudados que afetam o DC .

Foi realizada análise de regressão linear, valendo-se do método dos Mínimos Quadrados Ordinários (MQO), conforme sugerido por Gujarati (2002, p.42) para análise de depen-

dência entre variáveis. Seguindo a instrução de Ramanathan (2002), utilizou-se o método Hendry/LSE, iniciando de um modelo mais geral e chegando a um mais específico, apenas com as variáveis relevantes, por meio de testes *t* e de Wald. A equação inicial é a seguinte:

$$DC_{ij} = \beta_1 + \beta_2 ALE + \beta_3 BEL + \beta_4 ESC + \beta_5 ESP + \beta_6 FRA + \beta_7 HOL + \beta_8 ING + \beta_9 ITA + \beta_{10} POR + \beta_{11} MERCADO \quad [2]$$

Em que:

- DC_{ij} = desequilíbrio competitivo;
- ALE = variáveis binárias; 1 se o DC_{ij} referir-se à liga alemã e 0 se não;
- BEL, ESC, \dots, POR = variáveis binárias representantes das ligas, de forma similar à ALE . Note-se que a variável BRA , representando o Campeonato Brasileiro, é a variável de controle;
- $MERCADO$ = variável binária, assumindo valor 1 se o DC_{ij} referir-se ao período de mercado livre e 0 de outra forma. Note-se que foi utilizado método diferente daquele usado em Angelo e Souza (2003), no qual cada país foi analisado separadamente. A escolha pela variável $MERCADO$ tem a função de indicar se a mudança institucional causou alteração significativa no desequilíbrio competitivo no futebol europeu de modo geral. O método do presente trabalho, ainda que mais complexo do que a simples comparação entre o desequilíbrio competitivo antes e depois do fim do passe para cada país, permite agregar os resultados na variável $MERCADO$, respondendo mais claramente ao problema de pesquisa. Além disso, a regressão linear permite visualizar não apenas a existência e a direção do impacto da mudança, mas também sua magnitude.

4. RESULTADOS

Primeiramente, efetuou-se a análise de regressão com todas as variáveis da equação [2] apresentada na seção 3. Na tabela 1 constam os resultados obtidos.

O R^2 ajustado mostra que a regressão explica pouco mais de 18% dos valores observados de desequilíbrio competitivo. Todavia, a estatística F apresenta um P -Value de aproximadamente zero, indicando que o modelo é adequado.

A variável $MERCADO$ apresenta coeficiente significativamente po-

sitivo, indicando que, de um modo geral, o período de mercado livre é marcado por valores maiores do índice DC . De acordo com os resultados, observa-se que a liberação do mercado de jogadores acarreta um aumento de aproximadamente 0,32 no índice DC .

Observando os resultados da regressão 1, pode-se verificar que as variáveis ALE, ESP, FRA e POR não são significativas a 5%. Assim, o modelo foi testado novamente, retirando-se as variáveis não-significativas. Os resultados estão representados na tabela 2.

Os resultados da regressão mostram que a retirada das variáveis não-significativas do modelo foi benéfica. O R^2 ajustado manteve-se na faixa dos 18%, indicando que não houve perda do poder explicativo da regressão. Além disso, a estatística F aumentou no novo modelo. Some-se a isso a diminuição do valor do critério de seleção de modelos de Schwarz, de 2,11 para 2,01, e pode-se concluir que o modelo 2 é de fato mais adequado.

Além disso, todas as variáveis independentes tiveram aumento da estatística t , tornando-se mais significativas no segundo modelo. A variável $MERCADO$ tornou-se ainda mais significativa no novo modelo, indicando que, de modo geral, o fim do passe aumentou o desequilíbrio entre as equipes de futebol das ligas estudadas. Note-se, também, que o baixo poder explicativo da regressão aponta que a mudança da estrutura de mercado não é suficiente para explicar as variações do desequilíbrio entre os times ao longo do tempo.

Tabela 1

Resultados da Regressão 1

Variável	Coefficiente	Erro Padrão	Estatística <i>t</i>	Probabilidade
C	0.968998	0.160611	6.033210	0.0000
ALE	-0.030513	0.229187	-0.133137	0.8943
BEL	0.615231	0.229187	2.684408	*0.0082
ESC	0.637181	0.229187	2.780180	*0.0062
ESP	0.057061	0.229187	0.248972	0.8038
FRA	-0.059227	0.229187	-0.258422	0.7965
HOL	0.518652	0.229187	2.263008	*0.0253
ING	0.477409	0.229187	2.083056	*0.0392
ITA	0.492799	0.229187	2.150206	*0.0334
POR	0.363640	0.229187	1.586652	0.1150
MERCADO	0.328224	0.103828	3.161217	*0.0020
R quadrado	0.243216	Média da variável dependente		1.428611
R quadrado ajustado	0.184551	Desvio-padrão da variável dependente		0.662644
Erro padrão da regressão	0.598382	Critério de Informação de Akaike		1.886138
Soma dos quadrados dos resíduos	46.18986	Critério Schwarz		2.117267
Log verossimilhança	-121.0296	Estatística F		4.145822
Estatística Durbin-Watson	1.672611	Probabilidade (estatística F)		0.000056

Nota: * Variáveis significativas a 5%.

Tabela 2
Resultados da Regressão 2

Variável	Coefficiente	Erro Padrão	Estatística <i>t</i>	Probabilidade
C	1.031096	0.083938	12.28408	0.0000
BEL	0.548356	0.175738	3.120314	*0.0022
ESC	0.570306	0.175738	3.245214	*0.0015
HOL	0.451777	0.175738	2.570748	*0.0112
ING	0.410534	0.175738	2.336065	*0.0210
ITA	0.425924	0.175738	2.423638	*0.0167
MERCADO	0.337777	0.101896	3.314914	*0.0012
R quadrado	0.216196	Média da variável dependente		1.428611
R quadrado ajustado	0.180837	Desvio-padrão da variável dependente		0.662644
Erro padrão da regressão	0.599743	Critério de Informação de Akaike		1.864076
Soma dos quadrados dos resíduos	47.83901	Critério Schwarz		2.011158
Log verossimilhança	-123.4853	Estatística <i>F</i>		6.114228
Estatística Durbin-Watson	1.607489	Probabilidade (estatística <i>F</i>)		0.000011

Nota: * Variáveis significativas a 5%.

Com os resultados da regressão 2, chega-se ao seguinte modelo:

$$DC_{ij} = 1,031 + 0,548BEL + 0,570ESC + 0,451HOL + 0,410ING + 0,425ITA + 0,337MERCADO \quad [3]$$

À primeira vista, pode-se supor que o resultado é contraintuitivo, dado que Angelo e Souza (2003) obtiveram resultados diferentes em seu estudo. Além disso, o resultado da regressão parece contradizer a teoria econômica.

Devem ser feitas, contudo, algumas considerações. Primeiramente, o estudo anterior de Angelo e Souza (2003) abordou apenas os campeonatos de Inglaterra, Itália e Brasil entre os anos de 1991 e 2002. O método utilizado também foi diferente. Foram comparados os três países por meio de testes não-paramétricos. Como o período é muito curto, o teste exige uma diferença muito grande entre os índices para rejeitar a hipótese de igualdade entre os períodos.

Na presente pesquisa, porém, o número de observações é muito maior — 140, contra 36 do estudo anterior — e aborda número maior de países com características distintas. Além do mais, o teste *t* realizado na análise de regressão é mais poderoso, por ser paramétrico, tornando os resultados mais confiáveis.

A teoria microeconômica prevê que a alocação dos jogadores se dá de forma semelhante em ambas as estruturas de mercado. Todavia, cabe ressaltar que o modelo é estático, ao contrário do funcionamento do mercado. Com o passe, o clube menor tem a opção de manter os atletas de alta qualidade por algum tempo, mantendo-se competitivo durante a perma-

nência dos mesmos. No momento da venda, o clube recebe compensação financeira que pode ser reinvestida na aquisição de novos jogadores, mantendo a competitividade da equipe.

No mercado livre, os clubes mais ricos podem retirar com mais facilidade jogadores dos clubes com menos recursos, diminuindo o tempo de permanência dos profissionais de destaque nos clubes menos abastados e aumentando o desequilíbrio competitivo. Além do mais, as transferências ocorrem com menor ou nenhuma compensação às equipes formadoras, que não conseguem substituir os atletas perdidos e perdem competitividade.

O Campeonato Brasileiro do ano de 2003 parece confirmar o argumento apresentado. Até o início do segundo turno, em agosto de 2003, diversos jogadores de destaque deixaram

seus clubes de origem para atuar em equipes do exterior, levando por salários significativamente maiores oferecidos por clubes mais ricos. Clubes como São Paulo, Corinthians, Santos, Cruzeiro, Atlético-MG e Vasco tiveram um ou mais de seus principais jogadores transferidos durante o campeonato, restando aos clubes compensações financeiras muito inferiores às de outrora.

5. CONCLUSÕES

O presente trabalho teve como objetivo de pesquisa a análise dos efeitos da mudança da estrutura de mercado de jogadores de futebol sobre o desequilíbrio competitivo entre as equipes, utilizado como uma *proxy* da atratividade dos torneios e, por conseguinte, das receitas os clubes. Para tal propósito, foram utilizados dados das nove principais ligas europeias e do Campeonato Brasileiro no período de 1990 a 2003, sendo os primeiros sete anos representativos do período anterior ao caso Bosman e os sete últimos relativos ao período seguinte.

Duas possibilidades foram aventadas. Uma, a dos dirigentes dos clubes, que argumentam que o fim do passe fez aumentar a disparidade competitiva entre as equipes, minando a atratividade dos torneios com efeitos nocivos às finanças das equipes, e que o mesmo processo se dará no Brasil. De outro lado, a teoria microeconômica prevê que a principal mudança decorrente do fim do passe é a transferência de receitas dos clubes para os jogadores, e que o desequilíbrio competitivo não deve aumentar.

Os resultados da pesquisa mostram que houve aumento significativo do desequilíbrio competitivo nos países estudados, corroborando o argumento dos clubes e, ao menos apa-

rentemente, contrariando a teoria microeconômica. Cabe ressaltar, porém, que a teoria é estática, não levando em consideração o curto prazo em que os clubes menores podem contar com os jogadores talentosos que formam por um período de tempo maior, tornando as competições menos desequilibradas. Além disso, sob a vigência do passe, os clubes são recompensados pela venda de atletas, podendo reinvestir o mon-

tante recebido na formação e na contratação de novos jogadores, o que não ocorre no mercado concorrencial.

Com isso, conclui-se que o fim do passe no futebol faz aumentar a disparidade de forças entre as equipes, minando a atratividade das competições e reduzindo significativamente as receitas dos clubes, especialmente os menores e com menos recursos. ◆

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIDAR, Antônio Carlos Kfourir; LEONCINI, Marvio Pereira; OLIVEIRA, João José de (Org.). *A nova gestão do futebol*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- ANGELO, Claudio Felisoni de; SOUZA, Fábio Augusto Pera de. In: CONGRESSO MUNDIAL DE GESTIÓN ECONOMICA DE DEPORTE, 14-16 de maio de 2003, Barcelona. *Anais...* Espanha: UPC — Centre Adscrit a la Universitat Politècnica de Catalunya, 2003. p.93-113.
- BRUNORO, José Carlos; AFIF, Antônio. *Futebol 100% profissional*. São Paulo: Gente, 1997.
- CARMICHAEL, Fiona; FORREST, David; SIMMONS, Robert. The labour market in Association Football: who gets transferred and for how much? *Bulletin of Economic Research*, Oxford, UK, v.51, n.2, p.125-150, Apr. 1999.
- CYRENNE, Philippe. A quality-of-play model of a professional sports league. *Economic Inquiry*, Oxford, UK, v.39, issue 3, p.444-453, July 2001.
- DOUGLAS, Evan J.; CALLAN, Scott. *Managerial economics: analysis and strategy*. 4.ed. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1992.
- FISCHER, Franklin M.; MAXWELL, Christopher; SCHOUTEN, Evan Sue. The economics of sports leagues: the Chicago Bulls case. *Marquette Sports Law Journal*, Milwaukee, v.10, n.1, p.1-22, Jan./June 1999.
- GUJARATI, Damodar. *Econometria básica*. São Paulo: Makron Books, 2002.
- PEARSON, Geoff. Fact-sheet one: the Bosman case. Football Industry Group. University of Liverpool, 2002. Disponível em: <<http://www.liv.ac.uk/footballindustry/bosman.html>>. Acesso em: 20 jan. 2003.
- PINDYCK, Robert S.; RUBINFELD, Daniel L. *Microeconomia*. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- PORTER, P.K.; SCULLY, Gerald W. The distribution of earnings and the rules of the game. *Southern Economic Journal*, Stillwater, UK, v. 63, n. 1, p.149-162, July 1996.
- QUIRK, James P.; FORT, Rodney D. *Pay dirt: the business of professional team sports*. 2.ed. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1997.
- _____. *Hard ball: the abuse of power in pro team sports*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1999.
- RAMANATHAN, Ramu. *Introductory econometrics: with applications*. 5.ed. Forth Worth: Harcourt College, 2002.
- ROSEN, S.; SANDERSON, A. Labour markets in professional sports. *The Economic Journal*, Oxford, UK, v.11, n.469, p.47-68, Feb. 2001.
- SCULLY, Gerald W. *The market structure of sports*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- _____. Economics of sports. In: *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, p.14938-14944, 2001.
- STAUDOHAR, Paul D. *Paying for dollars: labor relations and the sport business*. 3.ed. Ithaca, New York: ILR Press Cornell University, 1996.
- STEWART, Kenneth G.; JONES, J.C.H. Hedonics and demand analysis: the implicit demand for player attributes. *Economic Inquiry*, Oxford, UK, v.36, n.4, p.192-202, Oct. 1998.
- SZYMANSKI, S. Income inequality, competitive balance and the attractiveness of team sports: some evidence and a natural experiment from english soccer. *The Economic Journal*, Oxford, UK, v.111, n.469, p.69-84, Feb. 2001.

ABSTRACT

The end of the reserve clause and its impact on the competitive imbalance among the football teams

The microeconomic theory can help us to understand the impacts over the football player's market caused by the change in the market structure, from a regulated condition to a non-regulated one. The deregulation process took place in Europe with Bosman ruling, that stated that players could negotiate freely with teams. This institutional disposition provoked a great debate since 1996. Team managers argue that the adoption of Bosman principles cause the division of the market in two groups: those able to pay for good players and those that supply talented players to

ABSTRACT

richer teams, increasing competitive imbalance and then decreasing attractiveness of tournaments and revenues of clubs. On the other hand, in microeconomic theory this problem is shown as a change from a monopsonistic market to a competitive one. From this view, there is no sign of an increase in the competitive imbalance in the long run. This work examines the nine main European leagues and the Brazilian Championship. The results reveal that the Bosman ruling brought an expressive increase to competitive imbalance in the leagues studied, suggesting that the possibility of counting on talented players for a longer period of time and the financial compensation received by the selling clubs, characteristics of the period before the Bosman ruling, contributed to lower levels of competitive imbalance.

Uniterms: competitive imbalance, market structures, player's market, Bosman ruling.

RESUMEN

El fin del vínculo deportivo y su impacto en el desequilibrio competitivo entre los equipos de fútbol

La teoría microeconómica puede ayudar a entender los impactos sobre el mercado de los jugadores de fútbol que se deben a la transición de un mercado regulado a un mercado competencial. El proceso de desregulación se inició en Europa con la Ley Bosman, que determinó que los jugadores podrían negociar libremente con los equipos. Los directivos de los clubes argumentan que la extinción del vínculo deportivo lleva a la división del mercado en dos grupos distintos de equipos: aquellos que tienen capacidad de pagar buenos jugadores y los que proveen jugadores talentosos a equipos más ricos, lo que aumenta el desequilibrio competitivo en los campeonatos y, en consecuencia, disminuye la atraktividad de los torneos y los ingresos de los clubes. Por otra parte, en la teoría microeconómica se ve este problema como el cambio de una situación de monopsonio a un mercado competitivo. De acuerdo con este punto de vista, no hay señal de aumento en el desequilibrio competitivo en los campeonatos a largo plazo. En este trabajo se examinan las nueve ligas europeas principales y el campeonato brasileño. Los resultados revelan que el fin del vínculo deportivo acentuó expresivamente el desequilibrio competitivo en las ligas estudiadas, lo que sugiere que la posibilidad de contar con los jugadores talentosos por un período más largo y la compensación financiera por la liberación de esos jugadores, características inherentes al vínculo deportivo y que no se presentan en el mercado competencial, contribuían a disminuir el desequilibrio competitivo.

Palabras clave: desequilibrio competitivo, estructuras de mercado, mercado de jugadores, caso Bosman.

**CADERNO DE PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DA
FEA/USP**

O Caderno de Pesquisas em Administração é uma publicação trimestral para divulgação de trabalhos de natureza acadêmica, com temas relacionados à Administração. Nossos principais colaboradores são alunos e professores de Programas de Pós-graduação em Administração e alunos da graduação com orientação e co-autoria de professores. Todos os trabalhos publicados são avaliados em relação ao conteúdo e à metodologia.

Maiores informações: Editoria do Caderno de Pesquisas em Administração
E-mail: cpa@edu.usp.br
<http://www.ead.fea.usp.br/Cad-pesq>

